

**AUTODIAGNÓSTICO E AUTOMEDICAÇÃO DECORRENTES DO ACESSO ÀS
REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA
SELF-DIAGNOSIS AND SELF-MEDICATION RESULTING FROM ACCESS TO
SOCIAL NETWORKS: A CRITICAL ANALYSIS**

Isabela Carolina Silva Moreira¹
Mariana Carolina Delgado²

Resumo: Este artigo explorou as consequências do autodiagnóstico e da automedicação decorrentes do acesso cada vez maior e indiscriminado dos indivíduos às redes sociais, além de fomentar uma reflexão sobre os impactos da utilização de tais práticas não só para a vida dos indivíduos, mas como para o sistema de saúde no geral. Ao lançar alguns apontamentos acerca desta temática, espera-se contribuir para uma reflexão produtiva sobre o papel das redes sociais na saúde das pessoas como um todo, além de inspirar políticas e práticas que promovam, de fato, o uso responsável da internet e das redes sociais como um instrumento saudável na vida das pessoas.

Palavras-chave: Autodiagnóstico. Automedicação. Redes sociais.

Abstract: This article explored the consequences of self-diagnosis and self-medication resulting from the increasing and indiscriminate access of individuals to social networks, in addition to fostering a reflection on the impacts of the use of such practices not only for the lives of individuals, but also for the health system in general. By launching some notes on this theme, it is hoped to contribute to a productive reflection on the role of social networks in people's health as a whole.

Keywords: Self-diagnosis. Self-medication. Social media.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Barreiro. E-mail: isacarolina36@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Barreiro. E-mail: marianadelgadoribeiro@gmail.com

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNA Barreiro da rede Ânima Educação. 2023. Orientador: Prof. Alexandre Rocha Araújo, Mestre.

1. INTRODUÇÃO

O advento da internet e das redes sociais transformou a maneira como as pessoas interagem com o mundo ao seu redor e com elas mesmas. Uma dessas transformações é evidente no modo como as pessoas lidam com a própria saúde.

No contexto da saúde atual, o autodiagnóstico e a automedicação são fenômenos sociais cada vez mais presentes e discutidos. Com o acesso facilitado a dados e informações de toda ordem e gênero, a popularização da tecnologia e a crescente conscientização sobre questões de saúde, muitas pessoas estão assumindo um papel “ativo” em relação à sua própria saúde.

No entanto, essa tendência também levanta apontamentos importantes sobre a confiabilidade das informações consultadas e os riscos associados à prática do autodiagnóstico bem como os possíveis e preocupantes impactos da medicalização excessiva no corpo e mente das pessoas que dela fazem uso.

Este artigo buscou explorar o impacto do autodiagnóstico e da automedicação decorrentes do acesso cada vez maior dos indivíduos às redes sociais, discutindo suas implicações para a saúde individual e coletiva, bem como para o sistema de saúde como um todo. Ao lançar luz sobre essas questões, espera-se contribuir para um diálogo produtivo sobre o papel das redes sociais na qualidade de vida, saúde e bem-estar das pessoas e da coletividade, bem como inspirar políticas e práticas que promovam o uso responsável, ético e eficaz da internet como uma ferramenta no auxílio às questões no campo da saúde.

Ao longo deste artigo, foram apresentados dados coletados em redes sociais, além de informações sobre pesquisas recentes que tem como objetivo propiciar uma análise crítica sobre a temática elencada para reflexão. Buscou-se assim construir uma compreensão mais abrangente dos desafios, benefícios e limitações do autodiagnóstico e da automedicação, com a expectativa de promover um debate crítico e mais bem informado sobre o assunto.

2. METODOLOGIA

Levando-se em consideração os princípios metodológicos trabalhados por Vergara (2005), a pesquisa foi de procedimentos bibliográficos, já que se pretendeu fazer um levantamento do estado da arte em questão.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (Fonseca, 2002, p.32).

A pesquisa teve como suporte principal, a consulta e o levantamento de dados em fontes digitais e virtuais: blogs, perfis, livros, artigos, bases de dados (Scielo e Google Acadêmico), teses, revistas eletrônicas, entre outros materiais científicos.

A investigação foi também sedimentada em referências que, numa perspectiva dialógica, contribuíram para agregar apontamentos pertinentes acerca do tema em questão. O princípio metodológico que norteou a construção deste artigo é a abordagem qualitativa, que permitiu um entendimento mais abrangente, *insights* valiosos e uma compreensão mais profunda do problema de pesquisa, sendo o autodiagnóstico e a automedicação decorrentes do acesso às redes sociais.

As palavras – chave elencadas foram: autodiagnóstico, automedicação e redes sociais. No que tange às fontes de pesquisa optou-se pela consulta às referências em língua portuguesa. O período temporal de publicação das mesmas abarcou desde o ano de 1981 até o presente.

3. INTERSEÇÃO COM OS CONCEITOS

3.1. O diagnóstico, autodiagnóstico e psicodiagnóstico: aspectos importantes

O diagnóstico é um conceito englobado em vários âmbitos profissionais, consiste em observar uma condição física ou mental com base nos sintomas que se apresentam,

considerando também o histórico do paciente para identificar uma doença ou condição física.

O conceito de diagnóstico tem origem na palavra grega *diagnōstikós*, que significa discernimento, faculdade de conhecer, de ver através de. Na forma como vem sendo utilizado, na atualidade, significa estudo aprofundado realizado com o objetivo de conhecer determinado fenômeno ou realidade, por meio de um conjunto de procedimentos teóricos, técnicos e metodológicos (Araújo, 2007, p. 127).

Segundo o dicionário Houaiss (2001) “*autodiagnóstico é o diagnóstico suposto pelo próprio indivíduo, sem recorrer a médicos ou a técnicos.*” Com um vasto universo de informações ao alcance dos dedos em questão de segundos, muitos indivíduos recorrem à internet para tentar compreender os seus sintomas e as reais condições de saúde. Essa abordagem coloca o indivíduo como protagonista no processo de diagnóstico, permitindo uma maior autonomia e empoderamento em relação à sua saúde. No entanto, também apresenta desafios, pois nem todas as informações encontradas são precisas ou confiáveis, o que pode levar a conclusões equivocadas e atrasar um diagnóstico adequado e tratamento adequado.

Muitos são os dados que apontam um aumento significativo nos últimos anos da prática de autodiagnóstico no Brasil. E muito desse aumento tem como causa a pandemia de Covid-19 que abalou os alicerces da saúde no planeta. Mas é importante frisar que a pandemia não foi a única causa do aumento das estatísticas tanto do autodiagnóstico quanto da automedicação. Fazer o contraponto entre antes da pandemia da Covid-19 e depois é importante para a compreensão de alguns aspectos do fenômeno em questão.

Uma pesquisa realizada pela PROTESTE no ano de 2018, portanto antes da pandemia, apontou que 79% dos entrevistados buscavam informações na internet acerca de seus sintomas antes de procurar um profissional de saúde. E todos os entrevistados disseram que se automedicavam. E 68% dos indivíduos da amostra utilizavam como fonte principal de informação, a Internet.

Outra pesquisa realizada pelo Instituto de Ciência e Tecnologia (ICTQ) datada de 2023, portanto, depois da pandemia, realizada em dezesseis capitais do Brasil, com uma

amostra de 2.340 sujeitos, evidenciou que 40% das pessoas praticam o autodiagnóstico pela Internet. É inegável as facilidades trazidas pelo afluxo de informações advindas da Internet, via redes sociais e outros suportes virtuais. A princípio, o autodiagnóstico pode parecer uma prática ingênua, inócua e sem riscos. Mas não é bem assim.

A internet e suas variações, por mais que seja uma fonte inesgotável de dados, não consegue dar conta das especificidades que um diagnóstico médico ou um psicodiagnóstico abrange, nem mesmo as singularidades de cada ser humano, por isso o perigo e o risco iminente e a médio e longo prazo. Além disso, existe a dúvida em relação à “confiabilidade” das informações que são acessadas. E quais seriam as razões que levam as pessoas a praticar a automedicação?

As razões pelas quais as pessoas se automedicam são inúmeras. A propaganda desenfreada e massiva de determinados medicamentos contrasta com as tímidas campanhas que tentam esclarecer os perigos da automedicação. A dificuldade e o custo de se conseguir uma opinião médica, a limitação do poder prescritivo, restrito a poucos profissionais de saúde, o desespero e a angústia desencadeados por sintomas ou pela possibilidade de se adquirir uma doença, informações sobre medicamentos obtidos à boca pequena, na internet ou em outros meios de comunicação, a falta de regulamentação e fiscalização daqueles que vendem e a falta de programas educativos sobre os efeitos muitas vezes irreparáveis da automedicação, são alguns dos motivos que levam as pessoas a utilizarem o medicamento mais próximo (Rev. Assoc. Med. Bras, 2002, p. 269).

Mesmo não sendo o foco principal desse artigo, é importante registrar que as transformações aceleradas no universo digital, vivenciadas principalmente pela geração de jovens que surge do encontro das gerações Z e Alfa tem motivado o desinteresse pelos consultórios médicos.

3.2. A automedicação enquanto uma prática recorrente

A automedicação é o ato de tomar medicamentos sem a orientação de um profissional de saúde qualificado (Paulo & Zanini, 1988; OMS, 2005), em geral, a prática ocorre a partir de um sofrimento sintomático, o indivíduo decide sem consultar um profissional adequado iniciar o tratamento com fármacos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, existe um nível de automedicação razoável realizado de forma

prudente, mas ocorrendo de forma indiscriminada é bastante perigoso e um risco à saúde.

Tendo isto em vista, a automedicação é caracterizada pelo uso de medicamentos escolhidos pelo próprio indivíduo, comumente indicado por pessoas não habilitadas no âmbito da saúde como amigos, vizinhos e familiares, ou seja, ocorrendo sem orientação médica, farmacêutica, odontológica ou profissional de saúde qualificado. Sendo assim, é importante frisar que doenças diferentes podem apresentar sintomas similares ou iguais. Dessa forma, se levarmos em conta que cada organismo possui características diferentes, logo pode-se apresentar reações diferentes, para um mesmo medicamento, o que pode gerar reações alérgicas ou mesmo, risco à vida (Tavares *et al.*, 2023, p. 1).

Partindo da premissa de que a medicina é uma das instituições mais importantes para a qualidade de vida da humanidade, a prática da medicação aponta a existência de vários agentes médicos e não médicos. As redes sociais se apresentam como um destes agentes, fora da medicina, mas dentro da vida dos indivíduos, na medida em que propagam um *modus operandi* que, de diferentes formas, estimula a automedicação dos sujeitos que desta prática fazem uso. Atualmente, via de regra, ao primeiro indício de dor do sujeito, algum medicamento e/ou tratamento é imediatamente sugerido numa rede social. E como consequência, corre-se o risco de se automedicar cada vez mais a vida e a sociedade em todas as suas instâncias.

Bauman (1997) discute a ideia de liberdade na vida contemporânea

Na sociedade pós moderna e de consumo, escolher é o destino de todos, mas os limites de escolha realistas diferem e também diferem os estoques de recursos necessários para fazê-las (Bauman, 1997 p.243).

O autor descreve a pós-modernidade como um período de incerteza, permeado por um medo difuso e que favorece a liberdade como ambição e exigência individual. Correlacionando com o autodiagnóstico, podemos dizer que, na sociedade pós-moderna de Bauman, as pessoas são incentivadas a se autodiagnosticar. Isso ocorre porque a identidade não é mais algo fixo, mas algo que está em constante mudança e reconstrução. Portanto, o autodiagnóstico pode ser visto como uma tentativa de entender e dar sentido a essas mudanças constantes na identidade pessoal.

Numa perspectiva transversal, Sampaio (2019) em trabalho inovador no que tange às estratégias utilizadas pelas corporações de fármacos para estimular a prática da

automedicação, observa aspectos importantes nas ações publicitárias das corporações para a promoção e venda de seus medicamentos

Dessa forma, curiosamente, o ato da automedicação, pertencente a uma jurisdição medicamentosa, foi apresentado com outras roupagens, como em forma de eufemismos que tornariam mais sutis a ingestão do fármaco. Assim, é abordado menos o fármaco enquanto substância química, passível de causar efeitos colaterais e reações adversas, e mais o medicamento enquanto um “amigo próximo” (Sampaio, 2019, p.101).

É importante também considerar que até mesmo ações rotineiras como a inclusão de uma determinada dieta para proporcionar ao indivíduo uma qualidade de vida melhor pode ser considerada como uma ação automedicada, já que na maioria das vezes, não passa pela orientação adequada de um profissional de saúde qualificado para tal.

3.3. O autodiagnóstico, a automedicação e as redes sociais

Com o processo de mundialização em voga no mundo atual, verificou-se um crescimento vertiginoso do contato entre as pessoas, sociedades e culturas. As linhas fronteiriças se aproximaram. Perto e longe estão cada vez mais próximos um do outro. Atualmente, quem tem acesso às chamadas “novas tecnologias”, pode entrar em contato numa fração de microssegundos com outras pessoas em qualquer lugar do mundo. Neste cenário pontuado por grandes e significativas mudanças psicossociais, históricas e tecnológicas, emergiu como força nos últimos anos as chamadas redes sociais, “espaços virtuais onde grupos de pessoas se relacionam através do envio de mensagens, da partilha de conteúdos, entre outros.” (Diana, [s.d])

Existe uma variedade de redes sociais, cada uma com um objetivo diferente e públicos específicos. O diferencial entre elas são as metas de cada uma, que podem ser:

Estabelecer contatos pessoais, podendo ser relações de amizade e namoro. Realizar *networking*, ou seja, compartilhar e buscar conhecimentos profissionais e procurar emprego ou preencher vagas. Compartilhar e buscar imagens e vídeos. Compartilhar e buscar informações sobre temas variados. Divulgar produtos e serviços para compra e venda. Jogar, entre outros (Diana, [s.d]).

Neste cenário em que o mundo está todo ou quase todo conectado às redes sociais, um fenômeno que emerge neste contexto é que as pessoas parecem refletir cada vez menos no que refere à veracidade, idoneidade e a qualidade das informações acessadas nas redes sociais.

Em tempos de tecnologia e mundo em rede, em que o acesso à informação é livre, o homem parece refletir cada vez menos, pois ele absorve informação sem se debruçar sobre ela para fazer uma análise crítica e sugerir mudanças. Devido ao intenso fluxo de informações, as pessoas não encontram tempo para refletir sobre sua veracidade, e seguem repassando-as. As mensagens recebidas são, muitas vezes, de autoria duvidosa e ainda assim compartilhadas sem que se questione a sua credibilidade, conforme observado na análise de nossos dados (Carvalho, 2022, p.327).

Nesse processo acelerado de banalização da informação, que, por um lado as redes sociais, contribuem para ampliar a nossa bagagem de conhecimento, por outro lado, elas possibilitam que temas extremamente complexos possam ser abordados de modo corriqueiro e superficial, uma prática é observada na sociedade atual, extremamente preocupante e recorrente que é quando os indivíduos tratam com normalidade doenças mentais graves e complexas.

É inegável que os medicamentos têm um papel crucial na melhoria da qualidade de vida das pessoas. Contudo, o uso inadequado desses pode resultar em consequências sérias e imprevistas. Tem-se notado um crescimento dessa prática nos últimos anos, tanto nacionalmente quanto globalmente, em todos os estratos sociais.

Dado à abrangência global da questão, A OMS (Organização Mundial da Saúde) resolveu propor uma estratégia no sentido de minimizar ao máximo as drásticas consequências associadas à prática da automedicação presente em todos os países do globo. Tal iniciativa é o programa *Global Patient Safety Challenge on Medication Safety* que criado em 2017 e renovado periodicamente no decorrer dos últimos anos que tem como principal política de atuação fomentar entre os países membros a conscientização e o compromisso de estratégias de redução dos danos associados, principalmente à automedicação.

De acordo com dados da mesma OMS, estima-se que cerca de 50% de todos os medicamentos do planeta são prescritos, dispensados ou comercializados de modo incorreto e metade das pessoas que deles fazem uso, o fazem incorretamente. O aumento expressivo da automedicação pode ocorrer devido a várias razões econômicas, psicossociais, culturais e também a partir da familiarização e da variedade de informações que as pessoas têm sobre os medicamentos que fazem uso, principalmente aquelas disponibilizadas na web e nas redes sociais. Uma das consequências disso é o advento de uma sociedade cada vez mais automedicada.

Sendo portanto, o cuidado em saúde mental decorrente de uma intrínseca relação entre os serviços de saúde, seus profissionais, o paciente e sua família, considerando as particularidades de cada contexto cultural, social e econômico (Cardoso e Galera, 2011, p. 688).

3.4. O papel da psicologia e o psicodiagnóstico no enfrentamento do autodiagnóstico e da automedicação

Dentro de um cenário global pontuado cada vez mais por aceleradas e complexas transformações econômicas, sociais e históricas de diferentes ordens, graus, números e gêneros, ciências como a psicologia em suas principais abordagens - psicanálise, analítica, comportamental e humanista - cumprem um papel extremamente preponderante no que diz respeito à qualidade de vida dos sujeitos que constituem o tecido social que se caracteriza também como o campo de atuação desta ciência.

O psicodiagnóstico é um procedimento clínico que permite analisar um comportamento, classificar e organizar um diagnóstico, buscando elucidar uma ou mais situações e ajustar um plano de ação terapêutico, essa dinâmica opera mediante técnicas e, se necessário, testes psicológicos abrangentes.

Essa é uma prática fundamental e imprescindível para o paciente, ele passará por um plano terapêutico individualizado que poderá segmentar o uso de medicamentos ou não. É importante destacar aqui a avaliação psicológica, um processo dinâmico que investiga esses fenômenos psicológicos, todos os pontos recolhidos ajudarão o psicólogo na tomada de decisão mais precisa para o paciente.

Institucionalmente, o processo psicodiagnóstico configura uma situação com papéis bem definidos e com um contrato no qual uma pessoa (o paciente) pede que a ajudem, e outra (o psicólogo) aceita o pedido e se compromete a satisfazê-lo na medida de suas possibilidades. É uma situação bipessoal (psicólogo-paciente ou psicólogo-grupo familiar), de duração limitada, cujo objetivo é conseguir uma descrição completa possível, da personalidade total do paciente ou do grupo familiar. Enfatiza também a investigação de algum aspecto em particular, segundo a sintomatologia e as características da indicação (se houver). Abrange os aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognóstico) desta personalidade, utilizando para alcançar tais objetivos certas técnicas (entrevista semidirigida, técnicas projetivas, entrevista de devolução) (Ocampo, 1981, p. 10).

Na mesma referência acima citada, as autoras Ocampo e Arzeno apontam que é praticado no processo do psicodiagnóstico os seguintes passos: o contato e entrevista inicial com o paciente, a aplicação de testes e técnicas projetivas e a devolução e informe escrito ao paciente.

Os itens que compõem a súmula psicopatológica são: aparência, atitude, consciência, atenção, sensopercepção, memória, fala e linguagem, pensamento, inteligência, imaginação, coação, psicomotricidade, pragmatismo, humor e afetividade, orientação, consciência do eu, prospecção, consciência de morbidade. (Cheniaux, 2021, p. 39)

Persicano (2000) aponta que

O psicólogo exerce uma atividade de pensamento, uma forma de abordar seu objeto, que eu chamaria de psicodiagnóstica. Afirmo que isto define e diferencia a nossa ciência das outras, no momento em que abordamos, entramos em contato com qualquer clientela, em qualquer tipo de ambiente, em qualquer situação, até em situação normal de vida como, por exemplo, ao se entrar numa família. O tempo todo, nossa mente aborda o objeto de um modo que eu chamaria de processo psicodiagnóstico de pensamento, sistema, forma, estrutura ou esquema de pensamento psicodiagnóstico, que se desencadeia imediatamente na mente do profissional (Persicano, 2000, p.90).

A autora também expõe que esse olhar do psicodiagnóstico é como um processo cognitivo e cognição é mais do que inteligência, antes de tudo é uma atitude afetiva que precisa ser exercitada pelo profissional da psicologia.

A avaliação psicológica e o psicodiagnóstico são técnicas e práticas pertinentes do psicólogo e integram um conjunto de indicadores que foram desenvolvidas para o uso

em sua profissão, portanto incontestavelmente traz benefícios para o enfrentamento do autodiagnóstico e automedicação.

Nesse contexto e atuando em diversas esferas da vida social, dentro ou fora dos consultórios, os psicólogos acolhem todos os dias pessoas com diferentes demandas psíquicas e psicossociais. No campo do autodiagnóstico e da automedicação, cenário de reflexão neste artigo, a literatura da área registra relatos pertinentes acerca do papel do psicólogo enquanto relata um agente fomentador no processo de conscientização dos sujeitos e das instituições no que se refere à utilização do autodiagnóstico e, dentro deste universo, numa perspectiva transversal, da automedicação.

O trabalho de Souza et al (2018) relata um estudo piloto, na região metropolitana de Porto Alegre, que segue a linha de reflexão sobre a importância da psicoeducação como estratégia no trabalho de conscientização acerca da automedicação

demonstrou um percentual significativo entre os usuários, onde 33,3% utilizam os psicofármacos sem prescrição médica. Como profissionais da psicologia, é fundamental questionar medidas utilizadas para psicoeducar a população no que diz respeito aos psicofármacos utilizados, seus riscos à saúde, propósito, indicações e contra indicações, aliados ao cuidado dessa população e prevenção de possíveis acidentes ligados ao uso inadequado. (Souza et al.2018, p.1).

No que se refere ao autodiagnóstico, muitas vezes a comodidade das pessoas em consultar as redes sociais e suas derivações digitais impera como fator preponderante de escolha. Mas existem outros caminhos. É relevante dizer que o Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza atendimento gratuito para toda a população brasileira. Para fazer uso deste serviço, é necessário requerer o atendimento psicológico por meio de um Centro de Saúde e se submeter a um processo de triagem. Feito isso, o indivíduo então é encaminhado ao setor de atendimento psicossocial. Além disso, ele recebe a medicação de que necessita. Outro modo de conseguir o acolhimento gratuito é através das diferentes instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, que oferecem atendimento psicológico à população em suas respectivas clínicas-escola.

Citado por Grossi et al (2022), Bruno de Oliveira Galvão, adverte que o sujeito procura o autodiagnóstico como uma maneira de apressar o processo terapêutico.

Não é simples ir ao psicólogo e tentar entender o motivo pelo qual você está apresentando uma série de sintomas, que podem ter uma esfera biopsicossocial envolvida. Isso requer a submissão a um processo terapêutico e um diagnóstico pode ser estabelecido de acordo com o andar da psicoterapia. Hoje as pessoas querem algo rápido. O autodiagnóstico dá uma ilusão e, por incrível que pareça, um alento (Galvão, 2022 apud Grossi et al., 2022, p.1).

É importante frisar que a função de conscientização com relação às questões que são o cerne de reflexão neste artigo não se restringem apenas ao trabalho diário dos profissionais em psicologia nas diferentes áreas de atuação, mas também à participação efetiva dos órgãos representativos de classe como os conselhos de psicologia, por exemplo. Campanhas educativas são fundamentais e a indagação incessante, acerca da funcionalidade eficaz nos atendimentos públicos e indicação de possíveis mudanças no sentido de propiciar cada vez mais, “uma psicoeducação, orientação e prevenção sobre aos riscos da automedicação aos indivíduos que a utilizam e profissionais envolvidos nesse cenário.” (Souza *et al*, 2018, [s.d])

Uma das iniciativas já citadas anteriormente neste artigo coloca no cenário a importância também do papel preponderante de outros atores e agentes sociais. Reitera-se aqui a relevância do trabalho dos profissionais em psicologia no que tange à construção de uma prática saudável em estilo de vida.

4. Considerações finais

A automedicação é uma prática comum e arriscada, que pode trazer sérios prejuízos à saúde individual e coletiva. O autodiagnóstico, baseado em informações não confiáveis ou incompletas, pode levar ao uso inadequado de medicamentos, que podem causar reações adversas, interações, dependência, resistência ou até mesmo a morte. É necessário políticas públicas que regulamentem e fiscalizem a venda e a dispensação de medicamentos, bem como promovam a educação em saúde e o acesso aos serviços de saúde.

Vários são os profissionais da área da saúde que, enquanto agentes atuam na promoção da ideia de autocuidado: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, farmacêuticos e psicólogos. Estimular mais esta ideia e os eixos norteadores que a fundamentam é atuar para que, ao fortalecer estes princípios de uma maneira

responsável e ética, os usos de uma automedicação excessiva e irresponsável possam gradativamente diminuir. Estimular esta ideia é fomentar práticas que orientam, e por que não dizer, que possibilitem aos indivíduos cotidianamente, construir uma postura holística e racional no que se refere à própria saúde.

Nesse sentido, a existência de uma política de saúde pública é fundamental, tanto como agentes normalizadores de ações efetivas que vão desde a constituição de uma política do uso racional de medicamentos pelo SUS até ao debate entre os vários agentes da sociedade civil no que se refere ao modo como as questões abordadas neste artigo são tratadas e referenciadas nas redes sociais: o autodiagnóstico e a automedicação.

O psicodiagnóstico nesse contexto emerge como uma competência fundamental do psicólogo, desempenhando um papel crucial na promoção da saúde mental e no enfrentamento dos desafios associados ao autodiagnóstico e à automedicação. Esta prática especializada envolve a habilidade do profissional em avaliar, compreender e interpretar os processos psicológicos do indivíduo, contribuindo para uma análise mais precisa e contextualizada de suas necessidades emocionais.

Ao se debruçar sobre o psicodiagnóstico, o psicólogo se capacita para identificar sintomas, padrões comportamentais e fatores psicossociais que podem influenciar o bem-estar do paciente. Essa avaliação criteriosa vai além do simples rótulo de transtornos, buscando compreender a singularidade de cada sujeito e considerando o contexto cultural, social e emocional no qual está inserido. A autonomia informacional proporcionada pela tecnologia pode levar a interpretações imprecisas e a decisões precipitadas, como a automedicação. O psicodiagnóstico, ao contrário, oferece uma abordagem embasada em conhecimento científico, promovendo a conscientização sobre a complexidade dos fenômenos psíquicos.

A atuação do psicólogo, por meio do psicodiagnóstico, não apenas desestimula práticas autodiagnósticas, mas também fomenta a busca por ajuda profissional. Ao oferecer uma compreensão profunda dos desafios mentais enfrentados pelo indivíduo, esse processo facilita a construção de estratégias terapêuticas personalizadas, promovendo intervenções eficazes e a promoção da saúde mental de maneira holística.

Assim, o psicodiagnóstico não se limita a uma mera classificação de sintomas, mas se destaca como uma ferramenta valiosa na prevenção de equívocos diagnósticos, na promoção da busca por tratamento adequado e na construção de uma abordagem terapêutica mais precisa e eficaz, contribuindo significativamente para a qualidade de vida e bem-estar emocional dos indivíduos.

É fundamental que, como sociedade civil, compreendamos as várias facetas desses fenômenos, valorizando cada vez mais a atuação ética e responsável dos agentes no campo da gestão da saúde e dos profissionais em psicologia, ambos como fundamentais vetores de mitigação das práticas que são o foco de reflexão deste artigo. Ao refletir sobre o autodiagnóstico e a automedicação, esperamos contribuir para o enriquecimento do tema em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Maria de Fátima. Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 126-141, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872007000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 nov. 2023.

AUTOMEDICAÇÃO. **Revista da Associação Médica Brasileira** [online]. 2001, v. 47, n. 4 [Acessado 13 Novembro 2023], pp. 269-270. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302001000400001>. Epub 23 Jan 2002. ISSN 1806-9282. <https://doi.org/10.1590/S0104-42302001000400001>.

BARBIERI, V.. (2010). Psicodiagnóstico tradicional e interventivo: confronto de paradigmas?. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, 26(3), 505–513. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300013>

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Revisão técnica: Luíz Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CANAVEZ, Fernanda; HERZOG, Regina. Entre a psicanálise e a psiquiatria: a medicalização do trauma na contemporaneidade. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 111-129, jun. 2011. Disponível em <http://tempo-psicanalitico.org>. Acesso em 17 abr. 2023.

CARVALHO, Solange. **Os impactos da banalização da informação nas redes sociais**. Disponível em <https://www.google.com/search?q=CARVALHO%2C+Solange.+Os+impactos+da+banaliza%C3%A7%C3%A3o+da+informa%C3%A7%C3%A3o+nas+redes>. Acesso em 12 out 23.

CARDOSO, L., & GALERA, S. A. F.. (2011). O cuidado em saúde mental na atualidade. **Revista Da Escola De Enfermagem Da USP**, 45(3), 687–691. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000300020>

CASTRO, Helena C. et al. AUTOMEDICAÇÃO: ENTENDEMOS O RISCO?. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, [S.l.], v. 18, n. 9/10, p. 17-20, jan. 2013. ISSN 2318-9312. Disponível em: <https://www.revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=235>>. Acesso em: 03 dec. 2023.

CHENIAUX, Elie. **Manual de Psicopatologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

DIANA, Juliana. As redes sociais. **Toda Matéria**. (s.d). Disponível em <https://www.todamateria.com.br/redes-sociais/>. Acesso em 05 dez 2023.

DUPAS, Gisele et al. Reflexão e síntese acerca do autocuidado de Orem. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000113&pid=S01032100200800010001500009&lng=en. Acesso em 10 out. 23.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GROSSI et al. **Psicólogo explica os riscos do autodiagnóstico de transtornos mentais.** Disponível em <http://www.parlamidia.com/ecoar/index.php/saude/37-psicologo-explica-os-riscos-do-autodiagnostico-de-transtornos-mentais#:~:text=%E2%80%9CDeterminados%20autodiagn%C3%B3>. Acesso em 13 out 23.

HOUAISS, Antonio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

MASSI, Viviane. **O autocuidado versus o autodiagnóstico e a automedicação.** Disponível em <https://ictq.com.br/varejo-farmaceutico/848-o-autocuidado-versus-o-autodiagnostico-e-a-automedicacao>. Acesso em 12 out 23.

O Autodiagnóstico médico no Brasil. Disponível em <https://ictq.com.br/varejo-farmaceutico/785-autodiagnostico-medico-no-brasil-pesquisa-na-integra>. Acesso em 10 out 23.

O profissional da saúde nas práticas do autocuidado. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/13538/1/O%20profissional%20da%20Sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em 12 out 23.

OCAMPO, M. L. S.; ARZENO, M. E. G.; PICCOLO E. G. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

PAULO, L.G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. **Rev. Assoc. Méd. Bras.**, v.34, n.2, p. 69-75,1998.

PERSICANO, M. L. S. (2000). Reflexões sobre a importância do psicodiagnóstico na atualidade. **Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental**, 3(2), 88–97. <https://doi.org/10.1590/1415-47142000002006>

PESQUISA – **Automedicação no Brasil** (2018). Pesquisas do ICTQ. 12 de Fevereiro de 2019. Disponível em: <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 10/08/2023.

PINHEIRO, Esther; FERNANDES, Maria. **A influência das redes sociais na banalização de psicopatologias.** Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/blog/influencia-das-redes-sociais-na-banalizacao-de-psicopatologias>. Acessos em 10 abr. 2023.

REMOR, Adriana et al. **A teoria do autocuidado e sua aplicabilidade no sistema de alojamento.** Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/8Xv8DdQTVj7zwnGfS6dvSmb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 out 23.

SALGADO, Eline; REZENDE, Mylena; Reis, FERNANDO. **O autodiagnóstico nas redes sociais.** Universidade Evangélica de Goiás: 2021. Disponível em [http/ scielo/ autodiagnóstico](http://scielo/autodiagnostico). Acesso em 15 mar 2023.

SAMPAIO, Miriam Aranha. **Publicidade de medicamentos e automedicação: produções midiáticas e convergências com a sociedade medicalizada contemporânea.** Disponível em <https://app.uff.br>. Acesso em 05 out 23.

SOUZA et al. **Automedicação: prevalência e função do psicólogo na psicoeducação sobre este.** Disponível em <https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/1560>. Acesso em 12 out 23.

TAVARES, et al. **Uso indiscriminado de medicamentos e automedicação no Brasil.** Disponível em <https://www.ufpb.br/cim/contents/menu/cimforma/uso-indiscriminado-de-medicamentos-e-automedicacao-no-brasil>, acesso em 12 set 23.

VERGARA, Sylvia. **Métodos de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

XIMENES LB, SOUSA LJEX, PAGLIUCA LMF. **Teoria do cuidado cultural à luz de Bárbara Barnum.** Curitiba: Cogitare Enfermagem, 2001.

Título do trabalho: AUTODIAGNÓSTICO E AUTOMEDICAÇÃO DECORRENTES DO ACESSO ÀS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA.

Docente Orientador: Alexandre Rocha Araújo

Docente avaliador: Cérise Alvarenga

Estudantes: Isabela Carolina Silva Moreira e Mariana Carolina Delgado

Orientador: 60 pontos

Professor avaliador: 40 pontos

Avaliação do processo de supervisão- 20 pontos da orientadora/avaliação individual

Categoria/Valor	Notas/ orientador
Presença nas orientações: 5 pontos	5
Participação nas orientações: 5 pontos	5
Cumprimento das orientações: 5 pontos	5
Investimento: 5 pontos	5

Trabalho escrito: 20 pontos

Categoria/Valor	Orientador	Professora avaliador
Conteúdo: 4 pontos	4	4
Normas ABNT: 4 pontos	4	4
Sequência do trabalho (começo, meio e fim): 4 pontos	4	4
Reflexão crítica: 4 pontos	3	3
Qualidade linguagem: 4 pontos	4	4

Apresentação oral: 20 pontos

Categoria/Valor	Orientador	Professora avaliador
Material gráfico: 4 pontos	4	4
Exposição do conteúdo: 10 pontos	10	10
Tempo: 2 pontos	2	2
Domínio resposta: 2 pontos	2	2
Comportamento diante dos questionamentos da banca: 2 pontos	2	2

Nota total: 98 (noventa e oito) pontos

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 14 dias do mês de dezembro, do ano de dois mil e vinte e três, realizou-se a banca de defesa do Trabalho de Conclusão do Curso Psicologia do Centro Universitário UNA – Campus Barreiro, dos/as estudantes: **Isabela Carolina Silva Moreira e Mariana Carolina Delgado** com o título: **AUTODIAGNÓSTICO E AUTOMEDICAÇÃO DECORRENTES DO ACESSO ÀS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA.**

A Comissão Examinadora foi constituída pelo professor orientador **ALEXANDRE ROCHA ARAÚJO** e a docente convidada **CÉRISE ALVARENGA**. Após apresentação oral dos/as autores/as, seguiu-se às arguições dos docentes. Terminada as exposições orais, a comissão, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento. A comissão considerou o trabalho APROVADO.

A banca, considerando que o trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido de forma adequada, não sugere modificações obrigatórias.

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2023.



Professor orientador
Alexandre Rocha Araújo



Professora avaliadora
Cérise Alvarenga